



CAPÍTULO VIII

A BIPOLARIDADE DO EU

E navegaram para a terra dos gadarenos, que está defronte da Galiléia.

E, quando desceu para a terra, saiu-lhe ao encontro, vindo da cidade, um homem que desde muito tempo estava possesso de demônios, e não andava vestido, nem habitava em qualquer casa, mas nos sepulcros.

E, quando viu a Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando e dizendo com grande voz: Que tenho eu contigo, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes.

Porque tinha ordenado ao espírito imundo que saísse daquele homem; pois já havia muito tempo que o arrebatava. E guardavam-no preso com grilhões e cadeias; mas, quebrando as prisões, era impelido pelo demônio para os desertos.

E perguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: Legião; porque tinham entrado nele muitos demônios.

E rogavam-lhe que os não mandasse para o abismo.

E andava ali pastando no monte uma vara de muitos porcos; e rogaram-lhe que lhes concedesse entrar neles; e concedeu-lho.

E, tendo saído os demônio do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se de um despenhadeiro no lago, e afogou-se.

E aqueles que os guardavam, vendo o que acontecera, fugiram, e foram anunciá-lo na cidade e nos campos.

E saíram a ver o que tinha acontecido, e vieram ter com Jesus. Acharam então o homem, de quem haviam saído os demônios, vestido, e em seu juízo, assentado aos pés de Jesus; e temeram.

E os que tinham visto contaram-lhes também como fora salvo aquele endemoninhado.

E toda a multidão da terra dos gadarenos ao redor lhe rogou que se retirasse deles; porque estavam possuídos de grande temor. E, entrando ele no barco, voltou.

E aquele homem, de quem haviam saído os demônios, rogou-lhe que o deixasse estar com ele; mas Jesus o despediu, dizendo:

Torna para tua casa, e conta quão grandes coisas te fez Deus. E ele foi apregoando por toda a cidade quão grandes coisas Jesus lhe tinha feito.

(Lucas 8:26-39)



E navegaram para a terra dos Gadarenos, que está defronte da Galiléia.

(Lucas 8:26)

O SEMEADOR

1 – Não se percebe em Jesus qualquer intenção proselitista. Portador de revolucionária mensagem espiritual, que ainda hoje o ser humano não consegue entender amplamente e muito menos vivenciar, não demonstra qualquer menção de formar instituições ou estabelecer um movimento popular.

Sua palavra é integralmente dirigida à consciência individual. Mesmo quando vêmo-lo – no Evangelho de João – usar a forma plural com certa frequência nos diálogos, a sua argumentação induz à reflexão profunda, independente de considerações globais ou de grupo. Ao dizer, por exemplo, *se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão* (João 8:39), cada um sente-se impelido à auto-análise, na qual avaliará a si próprio, verificando qual é a sua filiação.

2 – A primeira impressão, muito humana por sinal, é de que um legítimo representante do céu, investido da condição de embaixador de Deus, deveria aguardar soberanamente em seu reduto imperial, deixando que os interessados se deslocassem na busca de ensinamentos e benefícios.

Entretanto, o Cristo não mede sacrifícios para se aproximar de todos. Viaja em barcos frágeis, expõe-se a intempéries, e visita regiões carentes. Não indaga sobre a crença dos indivíduos, mas conhece-lhes a pobreza espiritual. Não negocia honorários porque seus serviços ultrapassam qualquer remuneração. Não tábua sua mercadoria, porém, revela que todos a possuem, pois o reino de Deus está dentro de cada um.

3 – A lição de sair a semear traduz, portanto, um sinal de boa vontade. Foi para não nos ilharmos na soberba, desdenhando a obrigação de ir ao encontro dos possíveis necessitados, que as escrituras registram em caracteres inequívocos: *Se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos, e o servo de todos.* (Marcos 9:35)





E quando desceu para a terra, saiu-lhe ao encontro, vindo da cidade, um homem que desde muito tempo estava possesso de demônios, e não andava vestido, nem habitava em qualquer casa, mas nos sepulcros.

(Lucas 8:27)

CARÊNCIA

4 – Para melhor compreendermos a relação entre o homem e satanás, reportemo-nos à passagem em que Jesus e o demônio dialogam, porque sendo neste caso imensamente maior o antagonismo, vislumbraremos melhor as características de ambos. O dualismo luz e trevas se torna mais evidente na medida em que os dois se intensificam.

Antes, porém deixemos registrado que demônio simboliza inicialmente o mal exterior, sob forma humana ou de entidades espirituais desencarnadas, e sob um enfoque mais profundo, o mal interior, o componente satânico que existe em cada criatura.

5 – Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo.

E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome.

E, chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães. (Mateus 4:1 a 3)

Extraindo o que mais nos interessa no momento, observamos que o tentador se aproxima num instante de fome. Ora, após um período de jejum que é a própria renúncia, ou seja, não se utilizar daquilo a que se tem direito, Jesus sentiu necessidade de algo. Esta falta de alguma coisa, para aquele que já vive em sintonia com Deus, em plenitude de satisfação com a vida e perfeitamente ajustado ao seu destino, deve representar um minuto crítico, uma espécie de carência e um estado de vulnerabilidade momentânea.

Ousamos supor que o Cristo tenha sentido nostalgia de um mundo mais elevado, onde houvesse, invariavelmente, pureza de intenções e atitudes, e o amor fosse o único modo de expressão de todos os seres. De que outra coisa Ele sentiria desejo de se alimentar?

6 – Quando, pois o demônio lhe sugere transformar as pedras em pães, está propondo-lhe uma insubordinação no que tange ao mecanismo do processo evolutivo. De fato, as pedras se tornarão pães. A matéria evolui para energia, e esta para o espírito, segundo a ótica ubaldiana, contudo, exige um tempo incomensurável. Outro ângulo seria considerar que a rudeza pétreia dos seres humanos de então poderia ser modificada para mansidão e suavidade e nutrir o espírito faminto de refeição mais rica em substância.

O único senão da proposta do diabo está em que a solução é externa e requer uma aceleração exagerada no ritmo natural de evolução, e sabe-se bem qual é o resultado de um fruto amadurecido à força... As idéias básicas sobre a ascensão da matéria, transformando-se em espírito, não eram ignoradas na época, tanto que João Batista sintetizou esplendidamente, alertando aos fariseus e saduceus: *E não presumais, de vós mesmos, dizendo: temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão.* (Mateus 3:9)

7 – Estamos raciocinando hipoteticamente que o Cristo tenha experimentado algum instante de carência, em face da pobreza espiritual deste mundo. Alguma coisa no mais recôndito de Si mesmo ansiava por uma complementação impossível, tendo em vista as precárias condições dos seres humanos, recém-saídos da animalidade.

Ele, porém, respondendo, disse? Está escrito: nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. (Mateus 4:4)



Nesta resposta encontramos a técnica para conviver com a terrível situação acima. Se o meio se mostra muito pobre, em estágios primitivos de evolução, ele, por si só, nada tem para oferecer a um espírito superior. Todavia, em cada fato ou fenômeno deste ambiente hostil se pode ver escrita a lei divina; cada plano de evolução tem sua ética própria; o involuído, com sua mentalidade de luta e de astúcia mostra inconscientemente a virtude em estado germinal. *O egoísmo, por exemplo, nada mais é do que a providência restrita a si mesmo, que se estenderá aos poucos englobando todos os demais, ao atingir sua manifestação perfeita.*

8 – Tudo que sai de Deus tem a sua marca, o traço de divindade. Mesmo o símbolo da matéria, o átomo, denota sinais de organização e equilíbrio, e mantém relações de afinidade particulares, como esboço de ligações afetivas. Este resíduo de perfeição presente em todos os seres é detectado cada vez mais, conforme o espírito ascende para Deus.

O ser evoluído alimenta-se, pois daquilo que os demais têm de elevado. Conhece e prevê as reações dos mais diferentes tipos de personalidades, e não se importa com o fato de que a involução acentuada impede um intercâmbio de alto teor espiritual.

9 – *Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo; porque está escrito: que aos seus anjos dará ordens a teu respeito; e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra.* (Mateus 4:6)

Em seguida, no célebre trecho intitulado de “tentação de Jesus”, vemos o demônio insinuar-lhe a idéia de mergulhar-se no meio ambiente, sem se preocupar com a inferioridade reinante, porque estaria acima, de qualquer risco de queda, mas o Cristo descarta este determinismo: *Não tentarás o Senhor teu Deus.* (Mateus 4:7) Em outras palavras, foi a tentativa de fazê-lo sentir-se superior a tudo, até mesmo à chance de errar, porque seria um privilegiado, protegido pelos anjos, em toda e qualquer circunstância.

Depois vem a oferta do poder temporal, e o diabo negocia *...todos os reinos do mundo, e a glória deles*, dizendo a Jesus: *tudo isto te darei, se prostrado, me adorares.* (Mateus 4:8,9). Esta parece ser uma atitude já de desespero e a negativa por parte do Cristo foi incontinenti. Como as propostas anteriores, esta também não traria solução ao problema. *De que adianta a riqueza e a fama? Granjearia apenas admiração e inveja das criaturas insatisfeitas com seus próprios potenciais.* Para não dar a menor margem a tais sentimentos infelizes foi que, no auge da aclamação popular, quando de sua entrada triunfal em Jerusalém, o Cristo providenciou um modesto meio de transporte, e montado num singelo jumentinho resistiu, mais uma vez, à sugestão da massa humana para que assumisse o reino, sentando-se no trono de Davi.

REFLEXÕES DE JESUS

10 – Finalmente, resta-nos anotar que qualquer concepção que tenhamos do diabo, seja uma só entidade de grande poder, seja fragmentada numa infinidade de espíritos pervertidos (encarnados e desencarnados), ele só pode atuar em alguém se este lhe oferecer campo propício.

Toda vez que absorvemos alguma influência externa para acelerar o ritmo natural das coisas, favorecendo o aparecimento de resultados prematuros, em benefício próprio (1ª tentação ou argumento); para realizar algo acima de nossas possibilidades descarregando a culpa de eventual fracasso na sorte, o que quer dizer Deus, como se fôssemos dirigidos totalmente por Ele (2º argumento), ou para exercer domínio, e com isto centralizar a atenção e a admiração das pessoas, interpondo-nos entre elas e Deus (3º argumento) é porque cedemos à nossa inferioridade. *Quando temos absoluto domínio sobre nós mesmo, nada pode arrastar-nos ao mal.*



11 – No entanto, não se justifica a luta contra o mal, ou contra aqueles que se dispõem a induzir-nos ao desequilíbrio. Se não lhes proporcionarmos ressonância às suas idéias e vibrações, continuaremos imunes à influência deles.

Ao proferir inesquecível rogativa *e não nos induzas à tentação* (Mateus 6:13), Jesus incita-nos a nos prevenirmos da dúvida e do conflito, e a guiar-nos exclusivamente pelo pólo mais evoluído de nossa individualidade, fechando as portas de nosso íntimo aos apelos que nos distanciam da paz e da harmonia. *O que caracteriza a tentação é a criatura admitir seriamente a possibilidade de fazer algo contrário à própria consciência; instala-se então um desalinhamento e a vontade não obedece mais à razão.* É um conflito entre o querer e o dever, uma luta entre a atração e a responsabilidade, ou um duelo entre o coração e a mente. Em momento algum Jesus considerou realmente a chance de fazer o que o pólo inferior de seu eu conjecturava, e achamos que não chegou a acontecer de fato uma tentação; por isto, mudaríamos, se possível, o título desta passagem evangélica para “Reflexões de Jesus”.

INFLUENCIAÇÃO ESPIRITUAL

12 – Alongamo-nos um tanto mais nas perquirições sobre o demônio, a fim de demonstramos que é essencial o entendimento do fator interno.

Nesta linha de pensamento admitimos que à semelhança da visão monista da enfermidade, em que mente e corpo formam uma unidade, como expusemos no caso da mulher hemorroíssa (caso número 1), a obsessão, a fascinação e a possessão espiritual obedecem ao mesmo princípio. Mas aqui a unidade não é mente-corpo e sim uma junção de duas mentes. Para que alguém se comporte de forma inadequada, anti-social, delinqüente, pervertida ou insana, sob a influência de outra mente, é imprescindível que já abrigasse em si mesmo, em latência, aquele modo de ser específico. O fator externo não tem o poder de criar, mas suscita a manifestação de atitudes adormecidas.

Em muitos casos, é provável que o obsediado entregue aos seus impulsos pessoais não atingissem grau de perturbação tão intenso qual ocorre quando sob poderosa e desequilibrada estimulação externa. Daí o inestimável valor da recomendação: *vigiai e orai para que não entreis em tentação* (Mateus 26:41), porque depois de estabelecido o desalinhamento, haja luta, oração e trabalho para nos endireitarmos de novo.

13 – Ampliando um pouco mais o conceito acima, vejamos agora a influência das idéias isoladamente. Assim que um pensamento é emitido no universo, um número variável de mentes vão se deixar atrair por ele. A influência mútua é fator incontestável. Ninguém vive à custa só de suas elaborações mentais; aqui, aceita um ponto de vista alheio; ali, assimila determinada opinião, e acolá, entusiasma-se por algum método de vida.

Somos um armazém de diversas mercadorias que vamos comprando pelo simples preço de nosso interesse. *Apreciar significa adquirir, no terreno das idéias; utilizar-se delas, ainda que apenas na imaginação ou desejo, representa incorporá-las ao patrimônio mental de maneira mais estável.*

As sugestões demoníacas estão ao redor de nós constantemente, mas só têm importância, na medida exata em que lhes somos suscetíveis. Contudo, a exemplo de Jesus no segundo argumento *se tu és o Filho de Deus, lança-se daqui abaixo* (Mateus 4:6) devemos ter bastante cuidado. Para que nos aventurarmos em arriscadas empresas onde já sabemos de antemão existirem armadilhas prontas a detonar nossas fraquezas em explosões de queda e tropeço? Especialmente no campo do relacionamento humano, abstenhamo-nos de vínculos



afetivos em que a amizade se preste à intromissão de outros sentimentos ou de interesses pessoais. Porque chegará o dia em que não poderemos mais nos conter e falindo as nossas reservas de resistência nos deixaremos levar pelos objetivos clandestinos que abrigávamos.

Assim como o reino de Deus está dentro de nós, o mal também aí se encontra. Não seria conforme a sabedoria divina permitir que o mal pudesse ser introduzido e dilatado em nós sem o nosso consentimento e adesão. Para nos precavermos de nossa própria ruína, atentando em permanente vigilância para com nossas limitações, serve-nos sempre a sintética advertência: *...Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas.* (Mateus 10:16)

AS CIDADES

14 – Voltemos a Gadara, retomando o caso em estudo: *...saiu-lhe ao encontro, vindo da cidade, um homem que desde muito tempo estava possesso de demônio...* (Lucas 8:26). É interessante observar que o endemoniado saiu ao encontro de Jesus, *vindo da cidade*, que é um conjunto de habitações fixas para uso do homem e principalmente cercadas de muros de defesa¹.

As cidades perderam, através dos séculos, um tanto de seu isolamento e agruparam-se realmente, formando nações. Daí caíram os muros que separavam e aumentaram os dispositivos que unem como estradas, aeroportos, e meios de comunicação. Entretanto, por mais contraditório que pareça, as grandes metrópoles propiciaram o aparecimento de neuroses, psicopatias, toxicomania, e suicídio em alto grau.

Os muros de defesa, em muitos casos, saíram da periferia urbana, e serviram de material para cada um construir as paredes de sua própria casa. Deste modo, o isolamento tornou-se pior que antes, e a solidão fica insuportável.

A sociedade do futuro deverá auxiliar a criatura a se aproximar de grupos afins, onde a permuta de sentimentos e vibrações enriqueça a vida de todos. Atualmente, muitos aproveitam suas horas livres e reúnem-se para o lazer; preenchem o tempo, mas voltam para suas casas, mais vazios e mais sós; ninguém dá de si mesmo, nada se troca.

15 – Neste clima de vida não é de se espantar que haja uma regressão psíquica, semelhante ao que muitas crianças apresentam por ocasião do nascimento de um irmão, o que as força a dividir a atenção dos pais, até então exclusiva, surgindo sintomas clássicos como chupar dedo e perda transitória do controle dos esfíncteres. Assim, o ser humano neste meio urbano adverso, perde a consciência de sua relação com o meio ambiente, conforme simboliza a nudez do endemoninhado, e fecha-se em si mesmo. Reserva exagerada, mutismo, são portas de acesso ao menosprezo pelas relações sociais, e posteriormente à misantropia ou à conduta anti-social, havendo uma ruptura dos laços familiares, e o indivíduo não habita mais *em qualquer casa*.

Isto não quer dizer que a cidade seja um mal, e que todos devamos retornar ao campo. Estamos apenas constatando que a proximidade física, por si só, foi incapaz de estreitar as relações de afeto entre os homens.

16 – E o que então vai preencher a vida destas criaturas? As coisas mortas. Pois como está escrito, vivem *nos sepulcros*. Há quem mergulhe com intensa nostalgia na infância, ou em sonhos antigos que jamais puderam viver. Outros se entorpecem nas reminiscências de ideais acalentados, os quais a realidade amarga mostrou-lhes a impossibilidade. Alguns se enquistam no presidido das lembranças de amores juvenis que a separação intempestiva não facultou o anelado amadurecimento.

Ainda outros vivem, não gemendo e chorando por coisas reais ou imaginárias do passado, mas às custas de tudo o que é destruído. Quantas criaturas não se alimentam todos os dias do sangue que goteja das notícias policiais? Quantas pessoas não têm o pensamento permanentemente voltado para os destroços de uma guerra atômica, e por isso mesmo, fortalecendo a possibilidade de que ela aconteça? E os indivíduos que só têm olhos para dramas e tragédias dos que os rodeiam, farejando o infortúnio alheio, apenas para salientar a dor e estimular a revolta? No entanto, existe alimentação de boa qualidade para todos interessados; basta sintonizar corretamente, porque segundo a parábola, o Senhor ...*à hora da ceia mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde que já tudo está pronto.* (Lucas 14:17)





E quando viu a Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando, e dizendo com grande voz: que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes. (Lucas 8:28)

CONHECIMENTO INCÔMODO

17 – A designação *Filho do Deus Altíssimo*, analisada parcialmente no capítulo 2, item 30, merece maior investigação. Pode-se deduzir que sua concepção de Deus não era reduzida. Deus é único: “do Deus” e não “de Deus”, o que poderia subentender outros deuses. *Altíssimo* lembra elevação, amplitude, perfeição. No entanto, parece que o engano estava exatamente em considerá-lo filho exclusivo do Altíssimo, contrariando o ensino de Jesus, que generaliza esta condição a todas as criaturas, ao asseverar: *...A lei chamou deuses aqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida (e a Escritura não pode ser anulada)*. (João 10:35)

Este indivíduo, embora reconhecendo a superioridade de Jesus, alega ausência de coisas em comum entre ambos, e chega a afirmar que tal Presença lhe causa tormento.

18 – Como conciliar a atitude de respeito (*prostrou-se diante dele*) com esta sensação de incômodo?

Consideremos que a ciência hoje representa a religião da maior parte da humanidade. O que o meio científico proclama, admite, ou comprova transforma-se em lei, a qual se segue à risca. Ora, então o conhecimento científico, tomado desta forma, representa a verdade máxima para este ser humano.

Deste modo, as pessoas que crêem nas pesquisas da ciência, cultuando-as como um oráculo moderno, deveriam por coerência, seguir-lhe as recomendações. Porém, como nos meios religiosos os crentes estão geralmente burlando os ensinamentos, sob o manto da astúcia ou da hipocrisia, os adeptos da ciência apresentam idêntico descompasso.

Vejam algumas situações específicas.

Sabe-se que a presença dos pais junto aos filhos é fundamental na estruturação afetiva e psicológica das crianças. Contudo, as classes sociais mais altas, que estão mais bem informadas e convencidas da necessidade de convivência no lar, ainda mostram elevados índices de ausência e abandono da família. Lêem muito sobre o assunto, navegam com extrema facilidade nos conceitos e autores relacionados ao tema, mas preferem que não se toque nisto, porque é motivo de tormento, aflorando culpas e remorsos.

A solidão das crianças constitui uma dolorosa realidade, e por isto a escola nos primeiros anos de vida deixou de ser opção, tornando-se algo necessário. Contudo, nem escola e demais atividades esportivas e artísticas conseguem amenizar a angústia de algumas crianças. Os pais precisam ter muita sensibilidade para perceber o decaimento emocional do filho carente e fazer um balanço geral da família. Às vezes, diminuir um pouco a renda mensal significa mais felicidade no segmento infantil da casa.

Comentando a respeito de dinheiro e de lucros, Emmanuel alerta em linguagem clara: *Em todos os agrupamentos humanos, palpita a preocupação de ganhar. (...) A atualidade conta com mães numerosas que abandonam seu lar a desconhecidos, durante muitas horas do dia, a fim de experimentarem a mina lucrativa².*

As gerações do futuro saberão, sem dúvida, remunerar a mulher pela sua atividade materna, dando-lhe condições de educar seus filhos, com segurança e dedicação, libertando-a da dependência financeira do homem, e o trabalho educacional domiciliar será considerado de interesse público.



19 – Prosseguindo nesta análise vamos ao campo religioso. Segundo a teoria, a divulgação da mensagem é muito importante. De preferência através do exemplo, mas também da voz, da música, da página, dos meios de comunicação, e especialmente do livro.

O livro, sobretudo, tem sido veículo incomparável de propagação das idéias cristãs. Pessoas que jamais iriam a um templo religioso às claras, admitem ler um livro na intimidade do lar, sem se comprometerem; outros, cujo comodismo impede-lhes a deslocação igualmente se beneficiam, e os que já apreciam o conteúdo, deleitam-se, instruem-se, renovam-se e libertam-se através da leitura e do estudo.

Seria de se prever, portanto, um grande empenho para a produção de livros úteis e espiritualizantes a preço acessível a todos os interessados. Contudo, sinal de contradição, um sem número de instituições arrecadam fundos mediante a venda de obras publicadas e atendem outras finalidades, tais como construção e ampliação de sedes.

Lucro auferido da venda de livros doutrinários, evangélicos e espiritualizantes já é em si mesmo um contra-senso. A indignação moral da humanidade não é menor do que a material. Se hoje as associações filantrópicas sentem-se constrangidas por cobrar um prato de sopa de pessoas carentes, devem igualmente se sensibilizar para com a ignorância espiritual não se permitindo extrair dividendos por meio da publicação de livros.

Associações respeitáveis existem que, à semelhança do endemoninhado, se encontraram prostradas diante de Jesus, em atitude respeitosa, mas de tal forma parasitando a divulgação da mensagem cristã, que se mostram bastante incomodadas com argumentos desta natureza. São instituições ricas e poderosas, que causam admiração e orgulho, e apresentam sua produção em números milionários. Aí delas! Agigantam-se ante os olhos humanos, às custas do Evangelho. Arrependem-se-ão amargamente, *porque o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação.* (Lucas 16:15)





Porque tinha ordenado ao espírito imundo que saísse daquele homem; pois já havia muito tempo que o arrebatava. E guardavam-no preso com grilhões e cadeias; mas, quebrando as prisões, era impelido pelo demônio para os desertos. (Lucas 8:29)

20 – O homem ainda hoje se conduz, freqüentemente, arrebatado por sua inferioridade, que o arrasta, subjugando-o, e leva-o a desprezar os limites dos mais antigos códigos de ética.

As filosofias e religiões desde os tempos remotos formalizam regras de conduta, e o Estado sanciona leis civis no sentido de tornar factível a convivência social, como tentativa de restringir o ser humano dentro de determinadas fronteiras de movimentação, porém, o resultado mostra-se pouco frutífero, pois freqüentemente ele atua como se num deserto, local em que poderia, teoricamente, agir com todo o individualismo, sem se preocupar até mesmo com as conseqüências futuras, supondo que o lugar não é e nem será habitado depois.

Então, os grilhões e as cadeias que a consciência de cada um impõe através da máxima *só fazer aos outros o que queria que lhe fosse feito*, tornam-se frágeis barreiras, as quais se pode violar a todo instante. De nada valem as leis jurídicas e nem os avisos do eu interno.

CONFLITO INTERIOR

21 – Dirigindo a nossa análise ao psiquismo, também encontramos vigorando o mesmo princípio. Para um funcionamento saudável da mente, exige-se que haja uma coordenação harmônica, por meio de uma central de comando. Este centro seria a expressão mais profunda do eu, controlando todos os demais pensamentos. Ocorre, porém, com bastante regularidade que algum pensamento insiste em desobedecer as diretrizes superiores, mantendo-se presente e estabelecendo uma espécie de luta interna. De um lado, o conjunto da mente buscando impor disciplina e unidade pelo outro, uma idéia rebelde, que se reintroduz espontaneamente no circuito cerebral, malgrado o esforço de bani-la.

A permanência deste foco à parte do restante pode progredir até um estado de grande autonomia, e por sua vez, gerar um quadro de cisão no aparelho psíquico.

Nas atitudes da criatura transparecerá este fracionamento interior, embora geralmente ninguém o perceba. Ora os atos são movidos pela parcela maior de mente, ora pelo núcleo rebelde. Ver-se-á então o conjunto mental sendo arrebatado pelo componente rebelde, que não atende às ordens de desaparecer ou pelo menos manter-se dentro de níveis toleráveis.

Quantas vezes um prolongado trabalho de autocontrole esvai-se por completo ante a explosão de incoercível ciúme! Quantas criaturas que depois de valoroso exercício de autodisciplina deixam-se arrastar em aventuras amorosas sem nenhum conteúdo afetivo! E tantos outros, dominados por uma insuperável sensação de desagrado para com o ser humano, deixam-se viver em sofrido isolamento, reprimindo uma enorme carência afetiva.

CÂNCER

22 – Esta situação de dualidade mental tende com o tempo a se refletir no físico, cujo exemplo clássico é o câncer. O cosmo orgânico, a princípio uno e coeso, com os diversos aparelhos somando-se em perfeita harmonia, passa a apresentar sinais semelhantes aos da perturbação psíquica.

Algum departamento do corpo adquire aos poucos vida própria e foge das normas que regem as relações dos órgãos com o poder central e entre si. O setor autônomo pode se manifestar em órgãos não vitais, revelando que o foco psíquico não afetava valores profundos



da personalidade do enfermo. *Quanto mais interno o órgão afetado, maior a centralidade do núcleo autônomo da mente.* Isto não depende do problema, mas do nível em que ele é vivenciado. Retomemos o caso de ciúme, citado há pouco. Qual o motivo? O indivíduo é ciumento porque se preocupa com a opinião dos outros, ou age assim por uma sensação de ser desprezível, indigno de uma afeição que teme perder? Observem que os valores em jogo são muito distintos nos dois casos, embora a atitude externa seja na aparência a mesma.

Solucionado o item localização, vejamos o da intensidade. Se o foco mental rebelde só se prevalece de forma discreta, teremos um tumor sob relativo controle, possivelmente encapsulado. Mas, se ele predomina muito, submetendo com frequência o restante do psiquismo, surgirá a neoplasia maligna. E se o “foco” invade outras áreas de elaboração mental, contaminando-as, há grandes chances de metástase.

23 – Pietro Ubaldi registrou em seu livro *Problemas Atuais* um notável estudo sobre o assunto.

Vejamos inicialmente como ele aborda a questão da ordem no cosmo orgânico, e a indisciplina da célula cancerosa: *A tragédia não reside tanto, então, no fato de apresentar-se o tumor, quando no de ter sido permitido o advento dele. Portanto o problema cifra-se todo em saber-se colocar alguém em condições de não permitir este advento. E vimos de que é que depende isso. A extirpação do tumor, por qualquer meio que seja, não pode recompor a unidade vital em sua harmônica submissão às leis que presidem o equilíbrio da economia normal. Nem o cirurgião, nem os raios X, nem o rádio, nem outros medicamentos aparecidos hoje, poderão fazer voltar um poder central decaído e incapaz de governar. (...) É indispensável compreender que, no conceito unitário da natureza, mesmo se a ciência não admite isso, a saúde é dirigida também pelas qualidades de ordem, equilíbrio e sabedoria de um poder central, que em tudo se prende ao princípio orgânico da vida*³.

*...algumas células escapam assim à disciplina que as dirige e, por conseguinte recaem em sua fase involuída e desorganizada de reprodução indisciplinada. A ordem é uma conquista da evolução, como o é o entrosar-se em unidades múltiplas coletivas, que aquela ordem aceita em sua construção. E a célula que escapa a um poder central coordenador, só pode ter diretivas individuais, uma independente da outra, sem capacidade para formar qualquer estrutura orgânica. No caso do câncer, achamo-nos então, no mesmo indivíduo, diante de suas unidades biológicas diferentes, que convivem nas mesmas bases fundamentais da vida, isto é, a colônia celular anárquica do câncer e a estrutura disciplinada do organismo humano*⁴.

Se podemos dizer que a doença é uma queda no dualismo, o câncer seria o protótipo da enfermidade humana, onde o estado dual se manifestaria em cores mais nítidas desestruturando o organismo. Deste modo, *toda moléstia estaria ensaiando para atingir seu máximo de autonomia, que culmina na patologia cancerosa.*

24 – Estas anotações singelas que intitulamos de Evangelho terapia pretendem ser uma minúscula contribuição ao tratamento preventivo das enfermidades humanas.

Enquanto nossa involução espiritual perdurar, estaremos sob o risco de vez por outra nos sentirmos arrebatados por algum impulso que, brotando dentro de nós, impelir-nos-á a atitudes desoladoras.

Quando formos senhores de todas as nossas emoções, por conseguinte, o seremos também de nossos movimentos e palavras. Ai de nós se algum sentimento ou elaboração mental, fugindo ao nosso controle, teima em recrudescer em nosso mundo íntimo.

Desde uma mágoa conseqüente a dores legítimas, até as reações desproporcionais de ódio, desconfiança ou medo, etc., tudo que fragmenta o indivíduo num centro psíquico individual e em seu respectivo antcentro abre caminho a um doloroso processo patológico.

*A prevenção profunda do câncer inclui a criatura entregar-se totalmente ao que há de mais elevado em suas metas, trabalhos e afeições, não dando brechas a surtos de vontades paralelos que estabeleçam divisões e antagonismos internos. É necessário unir-se a si mesmo em torno do pólo superior do eu, que representa o Deus interno. Atestando o seu grau de sanidade, Jesus afirmou: *Eu e o Pai somos um.* (João 10:30)*





***E perguntou-lhe Jesus, dizendo: qual é teu nome?
E ele disse: Legião; porque tinham entrado nele muitos demônios.***
(Lucas 8:30)

A FUNÇÃO

25 – *Qual é o teu nome?* Jesus não poderia fazer nenhuma interrogação mais surpreendente. Que subsídio lhe traria esta informação? Atuaria diferentemente dependendo da resposta obtida? A pergunta foi dirigida ao obsediado, aos obsessores, ou a ambos?

Toda criatura se identifica pelo seu próprio nome, entretanto, a sua distinção dos demais seres criados faz-se através de suas características ou qualidades, e não por meio de sua denominação.

O que são o lobo e o carneiro? E se o lobo se chamasse carneiro e vice-versa? O nome em si mesmo é pura convenção; o que realmente importa são os distintivos individualizantes. Lobo significa agressividade e ovelha mansidão.

Tomemos, a semelhança de Pietro Ubaldi, em seu monumental livro *Deus e Universo*, o trecho bíblico em que Moisés recebe de Deus a incumbência de libertar os judeus da escravidão egípcia. *Então disse Moisés a Deus: Eis que quando vier aos filhos de Israel, e lhes disser: o Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: qual é o seu nome: Que lhes direi?*

E disse Deus a Moisés: “EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós. (Êxodo 3:13 e 14)

A compreensão do que é Deus tem evoluído com o progresso da humanidade. Moisés recebeu uma resposta cifrada, mas a citação seguinte pode nos ajudar um pouco na compreensão do “eu sou”: *A Lei é Deus. Ele é a grande alma que está no centro do universo. Não centro espacial, mas centro de irradiação e de atração. Desse centro, Ele irradia e atrai, pois Ele é tudo: o princípio e suas manifestações. Eis como Ele pode – coisa inconcebível para vós – ser realmente onipresente*⁵.

Se Deus *é tudo: o princípio e suas manifestações*, todos os seres são partículas ou centelhas do Criador a expressarem a Lei em suas infinitas modalidades. Herdamos de Deus uma forma de ser, de existir, que faz de todos nós minúsculos *eu sou*, diante do EU SOU DIVINO. Esta essência o ser revela através de sua função no universo e é o que, em verdade, o identifica, desde o átomo até o arcanjo; todas as criaturas cumprem um trabalho específico e útil na economia da Vida. Ao inquirir pelo nome dos participantes daquele drama, Jesus se reportava ao grau de consciência que eles teriam de suas funções. Lembrava-lhes que o conhecimento de si mesmo, ou seja, do papel que compete a cada um na coletividade, representa um excelente antídoto para os distúrbios de conduta.

Quando vamos nos conscientizando deste *eu sou*, levantamos uma barreira de impermeabilidade a muitas sugestões infelizes. E os pensamentos desajustados que teimam em brotar dentro de nós perdem gradualmente o vigor, por encontrarem firmeza e estabilidade na maneira como conduzimos o nosso destino.

BENVOLÊNCIA

26 – Passemos agora a analisar a segunda parte: *Legião; porque tinham entrando nele muitos demônios.*

Dividiremos em dois campos: o religioso e o científico.

a) Religioso – *O demônio principal neste meio atende pelo nome de intolerância, e não*



tem nada em comum com o Evangelho. O Cristo nos revelou a amplitude e o poder da Lei, abrindo as portas de nossa percepção para compreendê-la mais profundamente. Entretanto, demonstra uma benevolência extraordinária para com todos os pecadores.

Em momento algum vêm-lo evitar pessoas por motivo de conduta reprovável ou condenar quem quer que seja. Quando muito, alerta aos que detêm conhecimento para que observem a extensão dos próprios erros, tal como afirma em Mateus 23:13: *Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que fechais aos homens o reino dos céus; e nem vós entrais nem deixais entrar aos que estão entrando.*

Em todo o Evangelho Jesus é a personificação da bondade, sendo um dos pontos culminantes o seu perdão espontâneo para com a mulher adúltera. (Jo, 8:11)

Foi exatamente esta flexibilidade que grande maioria dos cristãos não conseguiu se apropriar.

O que na sua gênese fora uma pacífica exposição sobre Deus e um amoroso convite para nos ajustarmos ao Bem, transformou-se num código moral a ser cumprido sob todas as penas. Esta influência nociva expandiu-se numa escala surpreendente. O cristão sentiu-se no direito de condenar a todos aqueles que não pautavam suas vidas dentro da mais rigorosa ética do Evangelho.

Confundiu-se o conhecimento da Lei e a exemplificação pessoal, com a faculdade arbitrária de exigir dos demais uma conduta idêntica, sob risco de eterno castigo.

HUMILDADE

27 – b) Científico: o *demônio deste grupo tem o nome de presunção.* Os vanguardeiros da ciência, com raras exceções em todos os tempos, defendem, indiretamente, que o conhecimento científico contém toda a verdade. Tudo o que foge ao já estabelecido e confirmado, é recusado ou pelo menos enfrenta severa resistência.

Esta postura conservadora e ao mesmo tempo autoritária produziu o que se pode intitular de mártires da ciência. Encontramo-los também na história da filosofia, das artes, da política e da religião.

Por outro lado, admitia-se que não se sabia tudo, mas para aferir a veracidade de alguma hipótese, só se poderia fazê-lo através do universo de conhecimento existente.

Os cristãos protestavam dispor da máxima luz e a impunham aos outros; os cientistas afirmavam possuir só parte desta luz, mas a impunham do mesmo modo.

As conseqüências deste procedimento foram tão perniciosas quanto as motivadas pela incompreensão religiosa.

Os erros humanos nos campos da religião e da ciência são os mesmos, e nem seria de outra forma, porque é o mesmo homem que está atuando nos dois. E o principal erro como temos visto na religião se chama intolerância e na ciência presunção; ambos pretendem transmitir às consciências alheias a falsa noção de que detêm o conhecimento total, e quando esta idéia é assinalada, transforma-se no próprio demônio. Qualquer criatura que se arrogue um papel importante, perdeu o espírito de humildade, o que já significa um certo grau de satanismo. Por isso o Evangelho previne: *...muitos virão em meu nome dizendo: eu sou o Cristo; e enganarão a muitos.* (Mateus 24:5)





E rogavam-lhe que os não mandasse para o abismo.

(Lucas 8:31)

O DEVER

28 – Abismo, em sentido mais particular, determina a morada dos espíritos malignos, sob a presidência de Apoliom que é Satanás⁶.

O fator demoníaco daquele indivíduo não se resignava a ser lançado no inferno, onde sabia ser o lugar que mais lhe convinha. E não foi sugestão do Cristo, mas ele próprio quem se acusou. Era como se dissesse: “não me mande para o meu lugar!”.

Se há uma coisa muito conhecida do ser humano, é a indisciplina. Quase ninguém quer ficar onde deveria, e a maior parte sonha com a riqueza para abandonar o trabalho.

Temos, de um lado, as mulheres que abandonam a função materna, como já vimos, e do outro, os homens que cumprem suas obrigações como se acorrentados, com o pensamento fixo na aposentadoria. Também é muito provável que a ausência exagerada do lar, tenha sido iniciada pelo lado masculino ao longo das gerações, por canalizar todo o seu interesse em atividades extrafamiliares.

Se não fosse imprescindível conquistar o pão de cada dia com o suor do próprio rosto, teríamos a humanidade quase toda a perambular a esmo, onde cada um se daria o direito de ir a qualquer parte, sem nunca cogitar de cumprir o dever que lhe compete.

Quando a criatura se furta ao desempenho de sua função, compromete o equilíbrio do meio, prejudica os demais e contribui para a generalização da desordem. E mesmo em tal estado de desajuste, intrometendo-se no serviço alheio, como um demônio na mente do invigilante, chegará o dia em que nova motivação surgirá no seu íntimo, à maneira de um encontro com Cristo. Antes de prosseguir, de se lançar no ideal nascente, a vida perguntará: *O que sabes fazer, do que és capaz, em resumo: qual é o teu nome?* Então se dá uma resposta presunçosa, retrato do desequilíbrio em que o ser se encontra: *Sou uma legião de coisas, tenho muitas habilidades* – esquecido de que todo aquele que se gaba de ter diferentes capacidades, em geral, não domina nenhuma delas.

29 – Porém, o momento é muito profundo para se continuar com mentiras e simulações. Após algumas reflexões, a criatura admite que deveria estar em outras paragens, arcando com conseqüências de opções feitas conscientemente, e que mais tarde preferiu ausentar-se de qualquer responsabilidade. Como seguir adiante, sem voltar atrás e assumir os deveres espezinhadados de outrora? Mas isto é terrível; fugiu-se na ocasião, continuou-se fugindo por tanto tempo, e agora um ideal novo, uma vontade de empreender algo mais digno, o que gera de início um conflito, um certo tormento, pois a criatura sabe-se em desequilíbrio antigo, quer realizar alguma coisa melhor, e, no entanto, a própria consciência acusa: *Tenho que retomar a infelicidade, a tristeza e a dor que plantei nos caminhos e consertar tudo isto; conviver com quem desprezei, afeiçoar-me aos que rejeitei, e amparar aqueles que prejudiquei, mas, não pude noutra época, como o poderei hoje, se não me mudei em nada? Assumir de repente, todas as repercussões inconvenientes do que já fiz, associar-me com as pessoas que me são antipáticas seria colocar-me num verdadeiro inferno. Se for este o preço para solucionar o conflito que surge em minha alma, por vislumbrar a possibilidade de realizar algo belo, desisto... Não posso suportar a idéia de facear tantos problemas de uma só vez; equivaleria a ser lançado num abismo!*

Quando rompemos prematuramente certos vínculos e compromissos afetivos, lesando terceiros, em especial crianças, é comum estarmos apenas adiando o serviço, que se fará depois em condições, quase sempre, ainda mais desfavoráveis. Neste caso, o Evangelho chega

ser drástico para se evitar o futuro abismo: *...se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que seja todo o seu corpo lançado ao inferno.* (Mateus 5:30)





***E andava ali pastando no monte de uma vara de muitos porcos;
e rogavam-lhe que lhes concedesse entrar neles; e concedeu-lho.***

(Lucas 8:32)

A CONCESSÃO

30 – Se nos recordarmos da flexibilidade do Cristo, conforme dizíamos há pouco sobre a conciliação do conhecimento profundo da Vontade Divina com a compreensão perante os erros humanos, veremos que a sua postura em relação a Judas também foi uma concessão.

Em seu relacionamento com o infeliz discípulo, patenteia-se a excelsa sabedoria do Cristo unificando o amor e a liberdade em proporções ideais. Notando-lhe as tendências voluntariosas, a pressa em promover mudanças sociais através somente do dinheiro, numa forma velada de discordar do método de Jesus, criando uma ação paralela em que talvez houvesse uma tentativa de extrair alguma vantagem imediatista, adverte-o o Mestre amorosamente: *Em verdade o Filho do Homem vai, como acerca dele está escrito, mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é traído! Bom seria para esse homem se não houvera nascido.* (Mateus 26:24)

Contudo, não cogita da expulsão de Judas do colegiado apostólico; não o condena, enumerando as facetas de seu caráter doentio: não faz conluios entre amigos para demonstrar-lhe indiferença; não reivindica gratidão pelos benefícios prestados; não se queixa do mundo na vã tentativa de suscitar compaixão, e sem se preocupar consigo mesmo, com sua dor e com seu martírio, consegue enxergar o trágico destino do outro e se compadece dele, porque sabe quão intenso e doloroso pode ser um remorso. *Bom seria para esse homem se não houvera nascido.*

Tanto amor e nenhum gesto para evitar o desatino do amigo imaturo!... Nada de lutas, contendas, imposições e muito menos retaliações. Jesus reage à traição de forma saudável, demonstrando que não se contaminara com os germes satânicos que o discípulo espalhava no grupo. Além de esclarecê-lo sobre as conseqüências do gesto, Jesus lembra-o de que está agindo precipitadamente, e para que não alegasse, mais tarde, falta de avisos, também lhe disse: *o que fazes, fá-lo depressa.* (João 13:27)

31 – *Dosar o afeto e a liberdade não tem sido uma receita fácil de executar.*

Num rigor de disciplina, que significa achatamento da liberdade, filhos são expulsos do lar pelos genitores, quando mais carecem de cuidado e carinho, enquanto outros são enclausurados no ninho, com redução demasiada dos horizontes da vida.

Desprezo e possessividade apenas refletem modalidades do amor; o primeiro é o amor que se estiola, reduzindo-se aquém dos limites recomendáveis e impondo uma liberdade exagerada para o outro, e a última é a afeição hipertrofiada que desconhece os direitos alheios, restringindo a liberdade.

Toda planta requer uma área adequada para se desenvolver e frutificar, que denominaríamos de espaço vital mínimo. Se lhe for dado um campo muito grande, teremos os problemas da solidão; em terreno muito diminuto, surge a competição e o enfraquecimento.

Atualmente vive-se uma fase de muito interesse pela liberdade na educação, e parece que é este o modelo usado pelo Cristo com o seu infantil discípulo. Aconselhou-o, orientou-o, advertiu-o, mas deixou-o livre para fazer o que quisesse. Mas há duas exigências para se agir desta maneira:

a) ser capaz de deixar a criança ou jovem etc., arcar com todas as conseqüências dos seus atos, o que poderia chegar ao suicídio (Judas) ou qualquer outro tipo de autodestruição, por aniquilar o que de melhor havia em sua existência (Jesus).



b) continuar aceitando, amando e educando esta criatura mesmo que ela atinja o fundo do abismo da degradação e autodesvalorização.

32 – Se não nos sentimos preparados para aceitar os filhos fora de certos padrões de conduta, é melhor ponderar um pouco o entusiasmo pela liberdade como norma educacional. Pensamos que, por justiça, os pais devem dar aos filhos o tanto de autonomia que se sentem aptos a assumir os riscos e continuar amando, sem queixas ou mágoas. Quando a tendência do jovem mostra-se muito grande para um determinado desajuste, não resta aos pais qualquer alternativa, a não ser liberá-lo porque brigar, pressionar, distanciar-se, são recursos precários. Nestas circunstâncias, vale o método evangélico: conceder, que é “ceder com”; libertar o filho, mas dar-lhe a certeza de nossa afeição, de nossa amizade constante, e apenas dizendo-lhe, no máximo duas ou três vezes, que infelizmente as conseqüências dos atos são intransferíveis, e mais dia, menos dia, a dor virá convocá-lo em regime compulsório às experiências retificadoras.

Para nos revelar que a concessão é um fenômeno universal, Jesus afiançou: *Pedi e dar-se-vos-á...* (Mateus 7:7)





E tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se de um despenhadeiro no lago, e afogou-se.

(Lucas 8:33)

A REENCARNAÇÃO DO DEMÔNIO

33 – *O porco servia de emblema para representar a imundície e a baixezá⁷.*

O próprio Jesus se refere à condição desfavorável deste animal: *não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas; não aconteça que as pisem com os pés e voltando-se, vos despedacem.* (Mateus 7:6)

Lembre-mo-nos que o lago é composto de água e esta simboliza a matéria, conforme vimos no capítulo 2, *o paralítico de Betesda*. Demônio, por sua vez, tem dois significados: 1º) externo – é o agente concreto ou subjetivo que influencia alguém negativamente/ 2º) interno – é o pólo inferior do “eu” de cada um, onde se concentram suas piores tendências, cujo nível depende da evolução da própria criatura, e que possibilita a atuação do fator externo.

A precipitação dos porcos no lago significa a reencarnação dos demônios e, pelo fato de estarem profundamente sintonizados com os valores materiais, ocorre uma espécie de afogamento. Isto nos faz pensar numa fusão intensa entre o espírito reencarnante e o corpo, de modo que este absorva por completo o primeiro e não permita o aparecimento de nenhuma transcendência.

Teria havido uma atração exagerada pelo mundo físico, e chegado o instante do mergulho na carne este se deu por inteiro, não havendo possibilidade de qualquer manifestação superior. As funções corpóreas requisitaram todos os poderes e capacidade do espírito, sem qualquer chance de predomínio da atividade mental ou sentimentos mais elevados. Todos os objetivos se centraram no âmbito da matéria; o universo todo ficou contido nesta dimensão.

34 – Acreditamos que o reconhecimento deste *demônio porco* reencarnado, não oferecerá dificuldades: indivíduo totalmente subjugado pela matéria, desfrutando-a de forma integral. Nada de quimeras espirituais, de conjecturas sobre alguma outra vida. Tudo se resume em lambuzar-se de prazeres, comer, dormir, engordar, procriar... Prepondera a satisfação dos instintos, com destaque para o aparelho digestivo; o apetite insaciável induz à glotonaria, com redução intensa das demais atividades possíveis, ao nível de intelecto ou sensibilidade. Busca-se a plenitude abdominal ininterruptamente, que sintetiza toda a felicidade que se pode almejar. O ato de comer absorve e condiciona todo o restante; vive-se em função do estômago.

Quando algum alimento ou sabor parece-nos imprescindível na alimentação, podemos considerar como um resíduo deste demônio em nós. Libertemo-nos desta dependência ainda que de um modo gradual.

No outro extremo estão os que condenam alimentos, culpando-os até mesmo de influenciarem nocivamente a personalidade dos consumidores.

A experiência mostra que o alimento de origem animal não convém àqueles que querem dominar suas paixões. Mas será errôneo atribuir um grande papel à alimentação na formação do caráter ou no domínio da carne⁸.

A maior parte de nós, ao invés de dominar os órgãos dos sentidos, torna-se seu escravo⁹.

Sem desmerecer a incontestada autoridade de Ghandi, citado acima, ocorre-nos acrescentar a memorável ocasião em que o apóstolo Pedro *...viu o céu aberto, e que descia um*



vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, e vindo para a terra. No qual havia de todos os animais quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu. E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro, mata e come.

Mas Pedro disse: de modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda.

E pela segunda vez lhe disse a voz: não faças tu comum ao que Deus purificou. (Atos 10:11-15).

Pedro, em sua iluminada percepção, iria ampliar o entendimento da mensagem, ao extrair o conteúdo simbólico da visão, e com isto colaborar na divulgação do Evangelho além dos limites da raça judaica, ofertando-o igualmente aos gentios.

No primeiro caso (porcos) o demônio é a gula, e no segundo (Pedro), o separatismo, cujos pretextos são muito variados.

Nada é prescindível ou imundo sejam criaturas ou alimentos, pois tudo provém do Criador. Atentemos mais ao emprego que fazemos dos incontáveis recursos que o Senhor nos proporciona, encontrando o meio termo justo, entre o excesso de prazer na degustação alimentar e o rigorismo de uma pureza calcada especialmente na seleção dos nutrientes. Recordando ainda que o importante é comer a quantidade necessária e conveniente, qualquer que seja o alimento.

Finalizamos nossas reflexões uma vez mais recorrendo ao Cristo, em seu magnífico Sermão da Montanha: *...Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber...* (Mateus 6:25)





E aqueles que os guardavam, vendo o que acontecera, fugiram, e foram anunciá-lo na cidade e nos campos.

(Lucas 8:34)

OS FALSOS VIRTUOSOS

35 – Recapitulemos. Os demônios saíram do homem, entraram nos porcos e a manada precipitou-se no lago, afogando-se. Então os que guardavam os animais, vendo o fato, fugiram, propagando-o aos quatro ventos.

Parece-nos claro não se tratar de guardiões protetores, designados pelo Alto para tal mister, pois se assim o fosse, a conduta seria de amparo e solidariedade e não de fuga. Mantinham os animais sob controle, cultivando suas tendências instintivas, para depois auferir lucros em transações comerciais, ou simplesmente abatê-los para o próprio consumo e deleite.

Qual seria a diferença entre os demônios e os vigias fugitivos, já que ambos denotam expressiva afinidade com os porcos?

Primeira: os demônios foram capazes de entrar nos animais e provocar um afogamento na matéria, como já vimos. Os guardas não o poderiam fazer, e contentar-se-iam com vantagens indiretas ou esporádicas, através da exploração dos suínos. Os primeiros estabelecem uma vinculação profunda e os últimos, superficial.

Segunda: os demônios chegam a acentuar as características de inferioridade da criatura, se esta assim o permitir; os guardas apenas se aproveitam das fraquezas alheias para extrair proveitos, e geralmente não induzem ao mal, contudo, exploram os caídos e desorientados que lhes cruzam o caminho.

Estes guardas comumente trajam-se com a vestimenta da virtude exterior, mas no fundo estão à espreita de alguém sob conflito ou desespero para sugar-lhe os bens materiais ou morais. Fazem campanhas contra a degradação dos costumes e vangloriam-se de não ter vícios porque não incluem na relação destes, o maquiavelismo, a falsidade, em resumo, a hipocrisia.

36 – Como reagem tais indivíduos quando se vêem bloqueados em sua sanha invisível de vantagens às custas das misérias do próximo, especialmente se o fato se deve à intervenção de outros mais desequilibrados (no caso os demônios), arrastando suas vítimas para novas experiências?

Freqüentemente promovem grande estardalhaço. Alardeiam os acontecimentos “nas cidades e nos campos”, aparentam notável cuidado pelos bons hábitos, e exalçam a moral e a dignidade, porém, no âmago, entranhada sensação de derrota move-lhes as ações. Usam suas desvantagens e perdas como pretexto para divulgar com sensacionalismo os fatos, mas na realidade o que mais lhes importa é reaver a situação privilegiada que desfrutavam antes. *Toda vez que denunciemos alguma coisa cogitando, ainda que secretamente, apenas de nosso interesse pessoal estamos no papel de “guardas”.* A alertiva de Jesus a este respeito nos é sempre útil: *Ai de vós que (...) exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.* (Mateus 23:27 e 28)





E saíram a ver o que tinha acontecido, e vieram ter com Jesus. Acharam então o homem, de quem havia saído os demônios, vestido, e em seu juízo, assentado aos pés de Jesus; e temeram.

(Lucas 8:35)

REENCONTRANDO-SE

37 – O homem que se liberta do predomínio do pólo inferior do “eu” também o faz da influência equivalente que o meio lhe infundia, e recompondo-se em seu juízo, veste-se com o restante de sua própria personalidade que havia sido abafada. *Assentar-se aos pés de Jesus*, sugere acomodar-se por onde o Cristo caminha; não é ainda acompanhá-lo, mas pelo menos fica subentendido pensar, refletir e, especialmente, planejar passos evangélicos para si mesmo.

No entanto, as criaturas que acorreram em função da notícia, mostram-se receosas, antes, inclusive, de conhecer detalhes da cura. O que realmente elas temiam?

Possivelmente ficaram apreensivas de que o Cristo as curasse a todos, e apesar de se dizer que isto seria muito bom, na verdade ninguém quer se sujeitar a grandes mudanças.

Uma cura mais abrangente e profunda exige muito desapego da própria personalidade, é um negar-se a si mesmo, e ocasiona um sério mal-estar à maior parte das pessoas, as quais pretendem continuar inalteradas.

Os famosos mecanismos de defesa, filhos diletos do instinto de conservação, mais não são do que dispositivos de manutenção da personalidade. E, de fato, são reconhecidamente úteis, porque sem eles não haveria estabilidade dos caracteres de cada um e a identificação pessoal seria impossível. Mas é comum acontecer uma tendência à cristalização do indivíduo, que se entrega totalmente à estagnação.

Evolução e inércia batalham no íntimo de todos, prevalecendo ora uma, ora outra, e esta alternância é necessária.

Ao pensarmos que no futuro seremos indivíduos radicalmente distintos de agora, transitando com desembaraço na virtude e na sabedoria, sentimo-nos satisfeitos; a transformação, porém, tem o seu preço. Em linguagem da física, dir-se-ia que todo trabalho consome forças, despende energia.

Haverá que funcionar o bisturi da dor, extraindo sensações e atitudes involuídas e possibilitando o surgimento de novas qualidades. Cada estágio tem a sua dose adequada de evolução recomendável.

A alegria da vida está na expansão; na limitação está o sofrimento. É inútil tentar ascensões demasiadamente altas, bem como vazias renúncias, que mais não trazem do que sofrimentos; mas é necessário introduzir, com tenacidade e sem fingimento, o máximo de transformismo suportável, na forma individual, seguindo cada um a sua linha típica de especialização¹⁰.





E os que tinham visto contaram-lhes também como fora salvo aquele endemoninhado.

(Lucas 8:36)

CURAR O DEMÔNIO INTERNO

38 – Auxiliar os endemoninhados constitui objetivo importante de muitos terapeutas, pesquisadores, filantropos e religiosos.

Visto como um processo basicamente individual por alguns, a doença mental também pode ser investigada como um distúrbio familiar, social e espiritual.

Parece-nos que o ônus recai com maior intensidade num destes três fatores, *dependendo da predisposição individual* de cada caso específico: 1º) o núcleo familiar desajustado fomenta a desagregação psíquica; 2º) as injustiças sociais agridem a personalidade humana; e 3º) espíritos desencarnados desequilibrados influenciam negativamente, furtando parcelas maiores ou menores do autocontrole de mentes invigilantes.

Cada paciente deverá ser tratado conforme o fator causal predominante. Desnecessário acrescentar que onde há associação de causas, o prognóstico é menos favorável.

A cura da tendência pessoal seria recomendável em todos os casos, porém, às vezes, temos que nos contentar com a melhora decorrente da extinção do fator externo, o que possibilitaria uma reestruturação do enfermo a longo prazo. Exemplo: um jovem de vinte anos faz um primeiro surto de esquizofrenia, seguindo-se mais dois episódios agudos em doze meses; o terapeuta identifica que o relacionamento do pai com o enfermo sempre foi muito distante, frio, e exigente; a insegurança e carência do paciente nunca foram compreendidas, cobrando-se dele um desempenho superior ao seu potencial. Neste primeiro ano de doença do filho, o genitor se modifica, e passa a aceitá-lo, o que beneficia esplendidamente o rapaz, e aos poucos ele se recupera, sem apresentar mais nenhum quadro agudo. Entretanto, não houve mudança profunda no jovem, permanecendo certa vulnerabilidade, que poderia suscitar recaída em fases adversas ou estressantes no futuro. Quando o paciente elabora uma nova e mais saudável estrutura psicológica para si mesmo, ainda que o pai continue desajustado, alcança-se uma cura muito mais confiável, com escassa possibilidade de recaída.

39 – Tomemos aqui a acepção de “demônio” como fator externo (encarnado ou não) que provoca ou acentua o desequilíbrio (vide item 33), e veremos que o Evangelho recomenda dar prioridade na solução dos problemas de indivíduo e não do componente exterior. Senão, ouçamos:

E, quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra.

E então diz: Voltarei para a minha casa donde saí. E, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada.

Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, habitam ali: e são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros. (Mateus 12:43 a 45)

O tratamento espírita através da desobsessão, e outras abordagens terapêuticas que supervalorizam o fator exógeno têm revelado uma eficácia insatisfatória, na medida em que concentram quase toda a sua atenção neste aspecto.

Assim, os agentes perturbadores são retirados e o paciente volta a sua melhor forma, mas não se “ocupa”. Limpo e adornado, permanece com o interior vazio, carente de motivações ou ideais, sem canalizar esforços em qualquer serviço dignificante e, pouco depois, inicia novo ciclo de alienação.



40 – Nota-se no meio espírita uma tendência progressiva a diminuir a ênfase que se dava à desobsessão, provavelmente devido ao recente posicionamento para com a mediunidade. Allan Kardec já havia percebido algumas contra-indicações, assim registradas:

Haverá pessoas para quem esse exercício (da mediunidade) seja mais inconveniente do que para outras?

Já eu disse que isso depende do estado físico e moral do médium. Há pessoas relativas às quais se devem evitar todas as causas de sobreexcitação e o exercício de mediunidade é uma delas¹¹.

...não se deve forçar o desenvolvimento dessas faculdades (...) e em todos os casos, se deve proceder com grande circunspeção, não convindo nem excitá-las, nem animá-las nas pessoas débeis. Do seu exercício, cumpre afastar por todos os meios possíveis, os que apresentam sintomas, ainda que mínimos, de excentricidade nas idéias, ou enfraquecimento das faculdades mentais, porquanto, nessas pessoas, há predisposição evidente para a loucura que se pode manifestar por efeito de qualquer sobreexcitação. (...) O que de melhor se tem a fazer com todo indivíduo que mostre tendência à idéia fixa é dar outra diretriz às suas preocupações, a fim de lhe proporcionar repouso aos órgãos enfraquecidos¹².

Na literatura contemporânea as restrições se multiplicam, chegando-se a desaconselhar o desenvolvimento da mediunidade, bem como a realização de sessões “práticas”. Ouçamos a abalizada opinião de Francisco Cândido Xavier – Emmanuel:

Dever-se-á provocar o desenvolvimento da mediunidade?

A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor de atividade doutrinária, porquanto, em tal assunto, toda a espontaneidade é indispensável...¹³

Pouco adiante acrescenta, reforçando:

Ninguém deverá forçar o desenvolvimento dessa ou daquela faculdade, porque, nesse terreno, toda a espontaneidade é necessária...¹⁴

Além disto, há uma sugestão de canalizar tempo e esforço noutra sentida, já que o antigo método não se mostra mais adequado: *Devem ser intensificadas no Espiritismo as sessões de fenômenos mediúnicos?*

São muito poucos, ainda, os núcleos espíritistas que se podem entregar à prática mediúnica com plena consciência do serviço que tem em mãos; motivo por que é aconselhável a intensificação das reuniões de leitura, meditação e comentário geral para as ilações morais imprescindíveis no aparelhamento doutrinário, a fim de que numerosos centros bem-intencionados não venham a cair no desânimo ou na incompreensão, por causa de um prematuro comércio com as energias do plano invisível¹⁵.

41 – Com estas citações parece-nos que a orientação espírita fica uníssona com a do Evangelho, sintetizada no trecho já referido *e quando o espírito imundo tem saído do homem...*, sugerindo que o indivíduo carece dar maior atenção à cura interior do que se preocupar em afastar demônios exteriores. Naturalmente que devemos continuar socorrendo, e há muita caridade a se fazer em relação aos doentes psiquiátricos, cuja execução depende de pessoas em carne e osso. Todo trabalho de assistência social e de evangelização traduz prevenção de doenças mentais. Nenhum mentor desencarnado, por mais evoluído que seja, pode materializar uma palavra de orientação e consolo num lar em desarmonia, e procurará um encarnado que possa veicular-lhe as idéias e alvitre, inspirando-o nos conceitos e instruções para que a ajuda colime o pleno êxito. Todavia, no amparo aos desencarnados tudo indica que a participação dos encarnados é dispensável. Colaborar na desobsessão do mundo exige, antes de tudo, empenho em curar a si próprio; depois, atuar nos indivíduos radicados na matéria dando preferência à renovação psíquica deles, e, finalmente, em fatores externos, sejam estes familiares, sociais ou mediúnicos.

Para delimitar a esfera de ação às criaturas reencarnadas, traça-nos o Evangelho uma bússola norteadora: *Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; porém, tu vai anunciar o reino de Deus.* (Lucas 9:60)





E toda a multidão da terra dos gadarenos ao redor lhe rogou que se retirasse deles; porque estavam possuídos de grande temor. E, entrando ele no barco, voltou.

(Lucas 8:37)

A EXPULSÃO DO CRISTO

42 – Seguindo nossa metodologia de estudo, coloquemo-nos primeiro no lugar da multidão e depois no de Jesus, procurando descobrir os motivos e sensações de cada posição.

a) multidão – as criaturas expulsaram-no porque possuídas de grande temor, e “retiraram deles” próprios o que havia de virtude em cada um.

Para que se retire algo, subentende-se que este algo já estava ali. Então, deduz-se que um propósito mais elevado ou alguma noção evangélica chegou a penetrar nestes indivíduos para depois ser negado, repellido, extinto. Por que razão sentir-se-ia temor no contato com as idéias cristãs, a tal ponto de se tentar erradicá-las?

A maioria das pessoas se comporta como os guardas, fazendo muito reboliço ante o mal, apenas porque suprimem vantagens cômodas que usufruíam. *Enquanto este (o Evangelho) é lido, comentado, pregado, repetido, pacificamente, sem incômodo, sem deslocar nada da própria vida, do mesmo modo é costume com tantas mentiras convencionais, o Evangelho alcança aprovação plena do mundo. Mas é considerado doença quando alguém pretende vivê-lo seriamente, praticá-lo deveras, nos fatos, não como coisa aplicada na superfície da pele, mas fundida no sangue, como parte da própria vida. Torna-se, então, um escândalo também entre os crentes, quando se fazem coisas de verdade, quando, depois de tanto trabalho e esforço de adaptação, se havia conseguido alcançar o resultado feliz de convir, todos de pleno acordo, que bastava um consentimento formal exterior¹⁶.*

43 – Outra situação em que ocorre a expulsão do Cristo é quando a criatura suprime algum ideal nobre pelo qual tenha já trabalhado.

De acordo com a interpretação que fizemos da “tentação” de Jesus, no início deste caso, os sintomas da obsessão de cada um, obrigatoriamente, tem que existir nele mesmo, no estado de latência para que possam ser suscitados ou estimulados a se manifestar por alguma influência externa.

Então, a vida é uma oscilação entre os dois pólos do “eu”, sendo um superior e o outro inferior. Quando empenhados na assimilação e vivência de princípios altruístas, tendemos para o pólo ascensão; se nos permitimos abandonar estes objetivos para albergar idéias menos evoluídas (em relação ao nível evolutivo individual), aproximamo-nos do pólo obsessão.

Ao se perder o entusiasmo e a perseverança no crescimento íntimo, retrogradamos a uma condição evolutiva anterior, ou possibilitamos a exteriorização em nós de características latentes indesejáveis.

Não existe outra forma de perscrutar o fenômeno da influência do ambiente, seja de pessoas, bactérias ou almas sobre um determinado sujeito, resguardando-lhe a devida parcela de responsabilidade, ou teremos, que anular a justiça e jogar o ônus da culpa exclusivamente no agente externo.

É muito fácil atribuir a iniciativa dos próprios atos a terceiros, especialmente se eles não dispõem de um corpo de carne para se defender. Ainda que em certos casos se comprove um prejuízo muito grande de alguém pelo convívio com outra criatura, com ou sem corpo, houve um começo onde o obsediado desfrutava de maior liberdade e optou voluntariamente por render-se à crescente manipulação periférica. Neste fato consiste a culpa; se hoje mostra-se um brinquete sob mãos cruéis, existiu, nos primórdios desta relação, um período de relativa independência que se foi extinguindo aos poucos.



A idéia que nos assalta de improviso, incitando-nos a agir de modo contrário à própria consciência, venha de quem vier, encontra, de início, um sistema de defesa pronto a exterminá-la. Se lhe damos tempo de progredir, enraíza-se e chega a frutificar. Finalmente, ela pode nos escravizar; viver de outra forma seria loucura e corresponder a este reclamo constitui o único móvel da existência. As defesas estão arruinadas. Reerguer-se parece uma utopia, e teme-se só de pensar na possibilidade de alguma mudança importante nesse estado de coisas.

44 – Se chegamos a sentir alguma ressonância por algo mais nobre e o desprezamos depois, caindo numa posição mais perto do que representa o pólo obsessão para cada um de nós, somos algum tanto mais responsáveis. Ilustremos: as recaídas num determinado vício são cada vez mais graves perante a Lei; um caluniador contumaz, que por um mecanismo qualquer, tem uma fase de melhora e depois volta ao hábito infelizmente, está agora mais comprometido perante a Lei, porque teve um tempo de lucidez e enxergou melhor as suas atitudes.

Da mesma forma, aquele que vivencia um ideal ou proposta mais útil à coletividade e depois se deixa acomodar no estilo de vida em que predominam interesses menores, também se sente acossado pela consciência, chamando-o a batalhar em níveis mais altos.

Somos orientados pelo Evangelho a consolidar nossas diminutas conquistas evolutivas, evitando retornar às fases precedentes, já trilhadas, porque se então era um estágio natural, não mais o é no momento. E assim, podemos nos complicar bastante com o retrocesso.

Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, habitam ali: e são os últimos atos deste homem piores dos que os primeiros. (Mateus 12:45)

As atitudes de agora podem ser idênticas às antigas, porém, estão agravadas perante a Lei, devido à maior responsabilidade da criatura atualmente.

45 – b) Jesus – O passo seguinte na metodologia de estudo do Evangelho é nos identificarmos com a posição do Cristo, ou seja, do evoluído e da influência elevada.

E entrando ele no barco, voltou.

Nada é mais estranho neste mundo do que não lutar, não se justificar, evitar explicações, não se defender quando agredido e não reivindicar os próprios direitos. Mais ainda, completamente inacreditável, aceitar a ingratidão sem queixas, calando censuras e não emitindo qualquer comentário.

Após o auxílio prestado, irrompe a onda de malevolência, expulsando o benfeitor. Muitas criaturas interrompem aí toda colaboração espontânea para repetirem, incansáveis, que a decepção as impede de prosseguir. Igualmente comuníssimo é o comportamento de tentar impor algum ponto de vista, reclamando a posse da razão e forçando-se a prevalência das próprias idéias.

É verdade que muitas pessoas tentam ajudar, mas também não se pode omitir, raras sabem fazê-lo.

Por este motivo colocamos como subtítulo desta obra “A ciência de amar”, porque geralmente se crê que amar envolve apenas sentir, e o raciocínio ou conhecimento seria um setor à parte.

O Evangelho nos revela que amor e conhecimento estão fundidos de modo indissolúvel. Não nos parece possível crescer muito num deles se o outro persiste estacionado.

Não basta ter muito sentimento para que seja amor; afeição seria um termo mais adequado a este caso. *Para merecer a elevada classificação de amor verdadeiro necessita conter sentimento com abundância, e também saber a maneira correta de expressar-se*¹⁷.

Alguém poderia tranquilamente argumentar que o Cristo faltou com a caridade quando não tentou sequer esclarecer àquelas pessoas do erro que cometiam.



Não tem sido nossa atitude diária aconselhar, sugerir, recomendar e orientar aos outros para que evitem isto ou aquilo, a fim de que não se prejudiquem, ao percebermos que excluem algo bom deles mesmo? Estaríamos sendo mais caridosos do que Cristo?

CAPACIDADE DE AMAR

46 – Acreditamos que o diálogo seja útil em variadas circunstâncias, mas uma exceção surge quando os fatos são por demais evidentes para que se prescindia do verbo. A cura do endemoninhado dizia o equivalente a toda uma enciclopédia de palavras...

Aí está a sabedoria do Mestre. Percebeu num átimo, que as criaturas presentes não conseguiram ultrapassar determinados limites de compreensão. Adiantaria recriminá-los? Produz algum bem apontar as deficiências dos outros quando os prejuízos recaem sobre eles mesmos?

Sem dúvida, Jesus revela-nos a bondade perfeita. Fugindo de polêmicas, justificativas e sermões e optando pelo silêncio, mostra-nos que é preciso auxiliar e seguir adiante, ao mesmo tempo em que assim, procedendo, diminui-se a gravidade da falta alheia, que chaga a ficar quase despercebida.

Revelar o mal que nos atinge demonstra profundo entendimento da caridade.

O amor, portanto, para ser completo requer a união com o conhecimento. O Evangelho se mostra a cada passo como uma receita para a aquisição da ciência de amar.

A supervalorização da caridade permite muitos equívocos à nossa ignorância. Vejamos alguns exemplos, da lavra de Francisco Cândido Xavier – Emmanuel:

Quem dá para mostrar-se é vaidoso.

Quem dá para torcer o pensamento dos outros, dobrando-o aos pontos de vista que lhe são peculiares é tirano.

Quem dá para livra-se do sofrimento é displicente.

Quem dá para exibir títulos efêmeros é tolo.

Quem dá para receber com vantagens é ambicioso.

Quem dá para humilhar é companheiro das obras malignas.

Quem dá para sondar a extensão do mal é desconfiado.

Quem dá para afrontar a posição dos outros é soberbo.

Quem dá para situar o nome da galeria dos benfeitores e dos santos é invejoso.

Quem dá para prender o próximo e explorá-lo é delinqüente potencial.

Em todas essas situações, na maioria dos casos, quem dá se revela um tanto melhor que todo aquele que não dá, de mente cristalizada, na indiferença ou na secura...¹⁸

Como se vê, são muitas as armadilhas às quais estejamos sujeitos.

Tão importante quanto amar as criaturas é amar a caridade, o ideal, o trabalho, e função que desempenhamos na sociedade. Somente assim, aderentes ao princípio superior, conservaremos o amor ao próximo mesmo quando ele não corresponda, ou não faça por merecê-lo.

O que nos interessa é descobrir e ampliar cada vez mais o nosso potencial de amor. Em resumo, *ao amarmos a nossa capacidade de amar, estaremos continuamente buscando aperfeiçoá-la e isto significa exercício, pesquisa, ciência.*

Agora entendemos melhor a interrogação de Jesus a Pedro, sobre os sentimentos do apóstolo, e como a mostrar-lhe que o importante era amar antes de tudo, o próprio amor (que Ele personificava), perguntou-lhe: *Simão, filho de Jonas, amas-me?* (João 21:17)





***E aquele homem, de quem haviam saído os demônios,
rogou-lhe que o deixasse estar com ele;
mas Jesus o despediu, dizendo:***
(Lucas 8:38)

A PRESSA

47 – Analisemos o pedido deste homem recém-liberto do julgo de influências nocivas. Segundo o raciocínio que temos nos apoiado, a libertação ocorreu graças basicamente a retirada do fator externo (legião de demônios).

Ao retomar o autocontrole roga ao Cristo que lhe permita acompanhá-lo. Desejava pertencer ao seu séquito e compartilhar do serviço messiânico em todos os lugares, onde se fosse pregar a mensagem do reino de Deus.

A primeira impressão que temos, avaliando a condição recente do indivíduo e sua proposta, é de uma tentativa de salto evolutivo. Há pouco tempo deixara-se fixar completamente no pólo inferior de seu “eu”, e atingira avançado grau de deformação de sua condição humana.

Ao pleitear um cargo entre os cooperadores do Cristo, muita vez a criatura apenas substituí um comportamento obsessivo por outro. Antes, por alguma coisa considerada viciosa ou inútil e depois, por doutrinas, filosofias ou religiões tidas como elevadas. A pessoa continua praticamente a mesma.

Saíram os demônios que a atormentavam; viu-se livre das atitudes comprometedoras e irrefreáveis, que ocupavam todo o seu espaço mental. Imediatamente, tentou preencher o vazio com mensagens dignas, mas permanecia anulado, digamos, no limiar do fanatismo, e havia um risco muito grande de que o convalescente se fixasse em demasia em algo que o atraísse, como o fizera em relação aos “sepulcros”.

Os supostos grandes saltos evolutivos são produzidos mediante longa maturação no tempo. As metamorfoses aparentemente repentinas elaboraram-se no íntimo, passo a passo. Quando surgem ante nossos olhos estupefatos, eclodindo em forma de bondade, gênio e arte, devemos nos recordar da água, que para atingir a temperatura de ebulição, foi aquecida grau por grau até atingir o ponto necessário e transformar-se em vapor.

Não existem milagres.

Também não convém expor-nos a um aquecimento muito forte, desejando acelerar em excesso o curso dos acontecimentos, porque o calor se torna insuportável e o que se pretendia fosse um bem, vira um inferno. Portanto, muita atenção com os esforços evolutivos! Pressa ou ansiedade para efetuar uma conquista são sinais de desequilíbrio também.

48 – Admitimos, contudo, nesta solicitação para acompanhar Jesus, um aspecto muito positivo. O momento psicológico era bastante desfavorável. O Mestre acabara de ser expulso daquele território e já se encontrava no barco. O pedido denota, pelo menos, uma grande disposição e a coragem de se opor à opinião da massa, de se colocar acima dos conceitos populares.

É comum ofertar-se ao Cristo nos trabalhos que causem admiração; em serviços mantidos por instituições ricas, ou onde o conforto, o bem-estar e a segurança compensam as possíveis abstinências.

Somente a acuidade profunda de Jesus possibilitaria despedi-lo para outra função mais adequada. Este gesto igualmente ensina, de modo tácito, a ausência de proselitismo; a equipe permanece reduzida, porém, determinados elementos convém encaminhar para outras atividades ou diferentes agrupamentos.



OS CONVIDADOS

Na atualidade, o Evangelho ressoa nos vários quadrantes da terra, mas se atentarmos bem para os convidados, veremos que não se dirige a todos indistintamente. Não convoca os felizes deste mundo, os quais se acham mergulhados na lutar pela posse da felicidade através de meios exclusivamente temporais.

Sucintamente, endereçou o Mestre o seu convite aos que se mostrem fartos de soluções convencionais para os problemas humanos e espirituais. Por certo, o chamado dirige-se àquele que se empenha denodadamente na resolução de duas dificuldades pessoais, e abraça toda a criatura que se sente aflita com o drama do próximo, ou que se esforça pela atenuação das misérias sociais.

A estes, independente de credo religioso, de filiação partidária, de nacionalidade, ou qualquer outro quesito separatista, destinou Jesus o seu chamamento. *Vinda a mim, todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei.* (Mateus 11:28)





Torna para tua casa, e conta quão grandes coisas te fez Deus. E ele foi apregoando por toda a cidade quão grandes coisas Jesus lhe tinha feito.

(Lucas 8:39)

DISCÍPULOS E APÓSTOLOS

49 – A casa simboliza o campo de trabalho prioritário de grande parte das criaturas humanas. É que a família representa a conquista máxima que se pode pretender do indivíduo ainda incapaz de integrar-se plenamente em núcleos maiores. Quando lançados solitariamente na sociedade ressentimo-nos de modo dramático da ausência de laços familiares e do aconchego afetivo que proporcionam, apesar dos problemas que suscitam.

Já abordamos alhures o significado do lar como instituto de almas e sua característica de prestação ininterrupta de serviços ao próximo.

Apregoar por toda a cidade o que Jesus lhe tinha feito, denota a possibilidade de se transformar num emissário do Cristo, sem romper as ligações consangüíneas.

Veza por outra, mesmo nos círculos espiritualistas modernos, tenta-se reproduzir o modelo típico de missionário, como sendo aquele com disponibilidade integral para a tarefa espiritual. Neste caso, espera-se que o indivíduo defina-se por uma vida celibatária e supõe-se que seja virtuosa por este detalhe apenas. Outros postulam a abstinência sexual como norma importante para agilizar a evolução, o que se torna uma tortura e fator de desequilíbrio emocional, quando o casal não se encontra razoavelmente maduro para uma experiência dessa natureza.

Entretanto, a história nos demonstra sobejamente que os enviados do Cristo, de preferência, estiveram vinculados às relações familiares, e a tentativa de se padronizar este tipo de missionário ideal como um celibatário ou asceta místico, parece-nos sem qualquer consistência.

Acontece, com regularidade, confundir-se divulgação do Evangelho com exemplificação. Pregar Jesus é um trabalho fácil, possível a grande número de pessoas, mesmo que recém-libertas de sérios desequilíbrios, caracterizando-as como discípulos. Outro tanto não sucede com as tarefas apostolares, cujo volume de serviço excede a cota comum, requerendo larga dose de boa-vontade e renúncia na execução do empreendimento.

DIVÓRCIO

50 – *Torna para tua casa* também se aplica aos casos de separação, desquite ou divórcio.

Exceção feita às uniões promovidas por leviandade, como o interesse sexual ou financeiro, acontece, freqüentemente, a separação conjugal produzir intensa dor, pesar, angústia e até desespero.

Muitas vezes o atrito prolongado, minando as reservas de afeição, torna insuportável o convívio. No entanto, investigando as futuras opções de vida, a criatura presente a quase impossibilidade de outra vinculação afetiva tão profunda como aquela que esta prestes a romper em definitivo.

É que tudo tem o seu momento mais favorável. A ligação de dois jovens que se estimam costuma sobreviver a cataclismos emocionais, ou a modificações de vulto na personalidade dos protagonistas.

Por outro lado, as mudanças às vezes são inaceitáveis. Após a juventude, os afazeres levam-nos à dura batalha da vida, desenvolvendo-se-nos a resistência e a capacidade de luta.

De repente, o desencontro no lar. A desarmonia, a incompreensão, a incompatibilidade.



E agora, onde buscar dentro de nós mesmos, as condições necessárias para começar um novo relacionamento afetivo? Se naquele, em cuja base, existem momentos e emoções que nos são tão caros, o que se pode esperar de outra ligação que nos encontra mais rígidos, mais secos, mais velhos enfim?

À planta tenra se podem causar grandes estragos que ela cresce, contornando obstáculos, mas, na espécie adulta, a elasticidade reduziu-se muito.

51 – Muitas pessoas se decepcionam ao perceberem após algum tempo de convivência a dois, que não possuem tantos pontos em comum, tal como supunham a princípio. Estas, confundem identificação com amor e quando fica notória a diferença de gostos e aptidões, declaram que há incompatibilidade conjugal.

Querem no outro um espelho, e ainda que houvesse uma neurotizante mobilização de ambos para promover uma “identificação”, a verdade proclamaria, a cada instante, que a igualdade de temperamentos não existe. Precisamos tolerar-nos, aceitar-nos e compreender-nos em nossas diferenças, divergências e discordâncias, porque naquilo que somos semelhantes, vemos surgir espontaneamente o entendimento e a afinidade.

Com raras exceções, as criaturas não se acham mais felizes em uniões subseqüentes ao desmoronamento da primeira, especificamente quando envolve a participação de filhos. Ocorre que alguns aprendem a resignar-se.

No âmago da consciência, cada um pensa que poderia ter se esforçado um tanto mais, na obtenção da paz doméstica; reconhece ainda que, em surgindo um relacionamento mais gratificante e estável, continuará a dever à vida a superação de suas limitações, que permanecem latentes em seu íntimo, pois optou por uma solução externa, conservando o demônio interno sua relativa prevalência no “eu”.

Este assunto recebe de Pietro Ubaldi, em seu livro *Princípios de Uma Nova Ética*, uma abordagem elucidativa, que serve como tratamento preventivo. O autor vê o sexo como uma necessidade natural, que não deve ser vinculada de modo exclusivo à procriação, e alerta-nos quanto ao número de filhos, mostrando nossa responsabilidade pela qualidade de vida que lhes podemos oferecer. Se a função sexual for respeitada e os filhos só acontecerem com a devida programação, tornar-se-á um compromisso sério o surgimento deles, o que reduziria muito o número de separações de casais com filhos, ou pelo menos, enquanto perdurar a educação dos mesmos. *Antes do aparecimento dos filhos, que representam os ‘dois numa só carne’ (Mateus 19:6), a separação conjugal, apesar de dolorosa e indesejável, seria lícita.*

COM O CRISTO NO CORAÇÃO

52 – Assim, todos nós temos, para contar *grandes coisas que nos fez Deus*.

Quando admitimos os benefícios de uma família, apesar de todo trabalho que ela acarreta, para abrigar a nossa alma nos percalços do caminho; para enriquecer o nosso eu, através da convivência com personalidades distintas, e para sustentar as nossas forças, conduzindo-nos a metas longínquas, é como se voltássemos para nossas casas, levando um pouco do Cristo dentro de nós mesmos.

Reduz-se a insatisfação e somos gratos a Divina Providência por localizar-nos junto a um pequeno grupo, onde aprendemos a exercitar a colaboração mútua.

Deste modo, o próprio coração se transforma em morada do Evangelho. Ainda que os demais não comunhem nossa crença ou sentimentos, aceitamo-los porque representam a resposta da Vida ao que lhe oferecemos.

A bondade e a tolerância no íntimo da criatura, luzindo, para quem tem olhos de ver, contrastam não raro, com o estado dos que lhe compartilham a experiência doméstica.



Todavia, isto não o impressiona ou desanima. Traçou objetivo em si mesmo, os quais dependem somente dele próprio. Ninguém o acompanha nos ideais, nem estimula sua fome de virtudes. Não se queixa, nem se lamenta.

A casa não o acompanha. Mas a casa interna não vacila, nem se abala. As aparências forçosamente enganam aos que são desprovidos de uma maior percepção visual. Existe pessimismo, balbúrdia, algazarra, porém o indivíduo ama, sereno e confiante.

Desta criatura, o Evangelho registra um sublime conceito, explicando a origem de tamanha força e perseverança: *Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada.* (João 14:23)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ DAVIS, John D. – *Dicionário da Bíblia* – 6ª Edição, Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1978.
- ² XAVIER, Francisco Cândido, *Caminho, Verdade e Vida*, 7ª Edição, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1948, página 127
- ³ UBALDI, Pietro – *Problemas Atuais*, São Vicente, G. E. Monismo, 1960, página 164
- ⁴ UBALDI, Pietro – *Problemas Atuais*, São Vicente, G. E. Monismo, 1960, página 154
- ⁵ UBALDI, Pietro – *A Grande Síntese*, 14ª Edição, Fundapu, 1985, página 39
- ⁶ DAVIS, John D. – *Dicionário da Bíblia* – 6ª Edição, Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista.
- ⁷ DAVIS, John D. – *Dicionário da Bíblia* – 6ª Edição, Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista.
- ⁸ GANDHI – *Cartas do Ashram*, São Paulo, Hemus, s.d. página 104
- ⁹ GANDHI – *Cartas do Ashram*, São Paulo, Hemus, s.d. página 38
- ¹⁰ UBALDI, Pietro – *A Grande Síntese*, 11ª Edição, São Paulo, Lake, 1979, página 315.
- ¹¹ KARDEC, Allan – *O Livro dos Médiuns*, 33ª Edição, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1975, página 106.
- ¹² KARDEC, Allan – *O Livro dos Médiuns*, 33ª Edição, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1975, página 256/7
- ¹³ XAVIER, Francisco Cândido – *O Consolador*, 6ª Edição, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1976, questão 384
- ¹⁴ XAVIER, Francisco Cândido – *O Consolador*, 6ª Edição, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1976, questão 386
- ¹⁵ XAVIER, Francisco Cândido – *O Consolador*, 6ª Edição, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1976, questão 371
- ¹⁶ UBALDI, Pietro – *A Grande Batalha*, São Vicente G. E. Monismo, 1961, página 31
- ¹⁷ XAVIER, Francisco Cândido – *Vinha de Luz*, FEB, 1971, 5ª Edição, lição 163, “O Irmão”
- ¹⁸ XAVIER, Francisco Cândido – *Vinha de Luz*, 5ª Edição, Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, página 31